

folha de rosto

Revista de Biblioteconomia e Ciência da Informação

A Biblioteconomia na Representação Fílmica de Gênero¹

Gláucio Barreto de Lima

ARTIGO

Resumo

Analisa quatro filmes exibidos entre 2015 e 2016 na cidade de Fortaleza que aborda a forma como a Biblioteconomia é apresentada, seja através da imagem de bibliotecários, ou como o espaço da biblioteca é revelado pelas discussões de gênero no cinema. Problematisa o que a análise fílmica, como recurso metodológico, permite de representação da relação entre a Biblioteconomia e as questões de gênero. Considera que pesquisas na área da Biblioteconomia sobre gênero são imprescindíveis e que abrem possibilidades para debater o preconceito e a discriminação contra LGBTTT.

Palavras-chave: Gênero. Biblioteconomia. Bibliotecário. Biblioteca. Cinema.

Librarianship in the Gender Film Representation

Abstract

It analyzes four films exhibited between 2015 and 2016 in the city of Fortaleza that addresses the way librarianship is presented, whether through the image of librarians, or how the library space is revealed by the gender discussions in the cinema. It problematizes what the filmic analysis, as a methodological resource, allows the representation of the relationship between Librarianship and gender issues. Considers that research in the area of librarianship on gender is essential and opens up possibilities for debating prejudice and discrimination against LGBTTT.

Keywords: Genre. Librarianship. Librarian. Library. Movie Theater.

1 Introdução

Uma sensação de impotência e abatimento tem se posicionado sobre os movimentos sociais no Brasil, principalmente aqueles que lutam pela causa dos Direitos Humanos, em especial os que abordam as questões de gênero e sexualidades. Uma onda de retrocessos conservadores e reacionários tem se pautado na esfera do campo político, principalmente com o apoio da bancada evangélica que ganhou espaço nas últimas eleições.

Essa situação tem provocado impactos gravíssimos nas pautas de lutas feministas, da comunidade negra, da comunidade indígena e dos LGBTTTs. As áreas mais atingidas por essa “política de esmagamento” foram a Educação e a Cultura. Essas áreas dialogam diretamente com as ações e saberes que bibliotecários e bibliotecas direcionam para a sociedade.

O que tem sido constatado nos meios de comunicação é a associação das temáticas de gênero e sexualidades como tabus e assuntos envoltos em “polêmica”. Essa parcialidade tem servido para convencer a sociedade em geral dos possíveis “riscos” de se permitir que tais assuntos sejam incorporados aos acervos das bibliotecas escolares e públicas.

¹ Trabalho premiado no GT 6: Informação, Memória e Patrimônio, durante a VIII Semana Acadêmica de Biblioteconomia (SEABI) de 2016.

De forma vil, esses políticos conservadores têm colocado essas temáticas como um ensinamento para a “degeneração” de crianças e adolescentes, além de estimularem o preconceito e a discriminação, pregando modelos fixos e deterministas de vida, de família, de religião, de trabalho, criando uma ideologia de anulação das diferenças e liberdade do ser humano.

É neste contexto que os Estudos de Gênero tem se sobressaído como uma oportunidade para discutir e enfrentar os neofundamentalismos que tem se expandido por todo o mundo. Nota-se que as Ciências Sociais e Humanas e as Artes têm sido os campos de saber que mais tem dado oportunidades para o diálogo com os Estudos de Gênero.

A complexidade com que as questões de gênero impactam a vida humana é dificilmente compreendida por praticamente a totalidade das populações e uma força contrária tem posicionado essas pesquisas num lugar de inferioridade e subalternização como se não houvesse relevância nesses estudos. Contrariamente, “o gênero é uma dimensão central da vida pessoal, das relações sociais e da cultura. É uma arena em que enfrentamos questões práticas difíceis no que diz respeito à justiça, à identidade e até à sobrevivência” (CONNELL; PEARSE, 2015, p. 25).

Não é novidade a presença do gênero em estudos científicos, ao longo do processo histórico as lutas por mais justiça social, frente ao desequilíbrio que existia nas relações entre homens e mulheres, foi ampliando-se para outras questões, como novas perspectivas de identidades, sexualidades, relações, opressões e lutas.

Gênero e Biblioteconomia parecem não ter muita aproximação, num olhar leigo sobre ambos os campos de saber. Mas essa distância é só aparente. Ela inexistente, pois a Biblioteconomia é sim uma área que influencia e é influenciada pelos estudos de gênero. Precisamos discutir e problematizar fatos como a prática bibliotecária ser claramente generificada no Brasil como um trabalho essencialmente feminino. Também deveríamos nos perguntar pela ausência dos corpos abjetos no interior das bibliotecas, sejam como usuários da informação ou como produtores de discursos relatados nos acervos, ou mesmo atentar para o fato de praticamente toda a literatura mundial ser produzida por homens brancos e do eixo centro-norte-europeu.

A Biblioteconomia e seus produtos não passam ilesos dos problemas de gênero. Como parte da ciência que tem uma função social e visa formação de pessoas para a prática profissional, de bibliotecárias e de bibliotecários, deveria sim se preocupar com essas questões tão em voga, pois,

O mundo se depara hoje com problemas urgentes ligados ao gênero. De fato, vemos emergir na política do gênero um novo domínio, com questões afiadas sobre direitos humanos, injustiça econômica global, mudança ambiental, relações intergeracionais, violência (tanto em âmbito militar quanto na esfera pessoal) e condições para um bem viver (CONNELL; PEARSE, 2015, p. 26).

As áreas de influência do gênero são ampliadas e interferem às micro e macro esferas de disputa de poder e vivências sociais. Alguns teóricos da Biblioteconomia, já haviam feito referências a esta aproximação, inclusive em obras fundamentais para a área. Exemplos disso são os apontamentos de César Augusto Castro na obra História da Biblioteconomia Brasileira e Edson Nery da Fonseca no livro Introdução à Biblioteconomia. Outros bibliotecários têm realizados trabalhos mais profundos relacionados às questões de gênero, como exemplo as pesquisas sobre representação da informação de Fábio Assis Pinho e José Augusto Chaves Guimarães.

Como as/os bibliotecárias/os atuam no âmbito social, participando das lutas de classes e movimentos sociais? De que forma essas ações se concretizam? A obra de Castro ressalta uma característica histórica:

[...] que a questão social está ainda mais em nível retórico, com a classe bibliotecária pouco participativa nas lutas pela democracia nos períodos ditatoriais. Na pauta de nosso corporativismo aparecem mais as questões técnicas, as administrativas, as legais, e raramente, o engajamento com os grandes movimentos sociais que lutaram pela universalização do ensino, contra a censura à imprensa e às artes em geral, pela defesa da cultura nacional e outras bandeiras que, todos nós sabemos, afetam o nosso desempenho e comprometem os nossos objetivos profissionais. Sem deixar de reconhecer que, como indivíduos, muitos de nossos líderes foram combativos e esclarecidos (CASTRO, 2000, p. 13-14).

As problematizações em torno da prática bibliotecária, como um generalista impõem responsabilidades quanto aos resultados de seu trabalho frente ao público pesquisador/usuário. Mas o distanciamento do fazer com as questões sociais, como à

censura, por exemplo, que atingem diretamente o seu espaço de trabalho, nos fazem refletir sobre essa suposta “passividade” diante dos ditames socialmente estabelecidos. As bibliotecas, e as/os bibliotecárias/os não conseguiram romper barreiras do preconceito, da estigmatização, tornando-se o espaço e o agente, como aparelhos ideológicos de perpetuação da discriminação e exclusão das minorias.

De certa forma, reflexos de uma ação sem olhar crítico, bibliotecas e bibliotecários, com resguardo para as exceções, representavam a lentidão da evolução da cultura brasileira, arcaica, patriarcal, colonialista, “que não consegue romper com os preconceitos, historicamente construídos, sobre o negro, a mulher e outras minorias sociais” (CASTRO, 2000, p. 118). O mesmo autor, alerta para o compromisso que a biblioteca precisa ser representativa de seus usuários, fortalecendo os laços de afetividade entre bibliotecários/as e público. Pergunta: “como a biblioteca pode contribuir com a sociedade para melhorar as condições de vida?” (CASTRO, 2000, p. 129). Este alerta, muito significativo para o público LGBTTTT, que sofre diariamente com o preconceito e a discriminação, teria nas bibliotecas um lugar de acolhimento e apoio, que pudessem fortalecer estratégias de superação dos problemas sociais que enfrentam.

Melhorar a compreensão e o entendimento da diversidade sexual e de gênero deveria ser um compromisso de todo equipamento informacional. Claro que existem outros fatores, que dificultam essa busca de mudança, como o fato das bibliotecas estarem subordinadas a uma política institucional superior que talvez não permita a inclusão de minorias sexuais. Como as bibliotecas podem fazer o acolhimento e se tornarem espaços representativos para um público que sofre tantos preconceitos e cerceamentos na sociedade, como o público LGBTTTT?

A barreira institucional e a subordinação das bibliotecas a ideologias superiores comprometem sim a possibilidade de tratar de forma clara e sem preconceitos os aspectos relativos às questões de gênero e sexualidade. Mas deve-se também lembrar que o trabalho que a classe bibliotecária faz pode sim ser uma forma de abrir fissuras no engessamento que as instituições imprimem ao fazer do bibliotecário.

Consciência e sensibilidade são peças chave para a compreensão que a Biblioteconomia deve ter sobre o Gênero. Não há neutralidade nas construções de gênero, ela, assim como a Biblioteconomia, sofre impacto das forças econômicas e políticas. Vale lembrar que: “A diferença de gênero não é algo que simplesmente existe. É algo que acontece e precisa ser feito acontecer; é também algo que pode ser desfeito, alterado, tornado menos importante” (CONNELL; PEARSE, 2015, p. 56).

O caráter de construção do gênero é que permite a ação da Biblioteconomia nesse campo de saber. As bibliotecas e as/os bibliotecárias/os não podem ser simplesmente fantoches na perspectiva de reprodução de modelos fixados socialmente sobre gênero. Principalmente se percebermos que um conjunto de documentos já foram produzidos e representam além da memória do campo de saber, uma memória de movimentos sociais e de uma coletividade de sujeitos que sempre foram silenciados. A Biblioteconomia se aproxima dessas questões tanto no sentido da necessidade da organização dessas informações reunidas, produzidas e divulgadas por esse campo, sejam nas universidades, ONGs, grupos de pesquisa, como também pela perspectiva de amplo debate social, seja na oportunidade de acesso a esses conteúdos em bibliotecas públicas, escolares e em outras formas de divulgar e dar acesso à informação sobre gênero. Como comprovam pesquisadoras da área:

Ainda assim, temos uma grande riqueza de conhecimentos sobre gênero, advinda de décadas de pesquisa, e um repositório de experiências práticas do que constitui uma reforma no gênero. Temos uma base melhor do que qualquer geração anterior jamais teve para compreendermos as questões de gênero (CONNELL; PEARSE, 2015, p. 36).

Gênero como algo dado no cotidiano, sem reflexões, vendo as diferenças e distinções de gênero como coisas “naturais” já não cabem mais diante de tantas informações e conhecimentos produzidos para problematizar essa realidade.

A arrogância com que estruturas dominantes se estabeleceram, seja pelo uso da força, do poder e da violência, confrontam-se com esses outros olhares que as pesquisas de gênero revelam para a sociedade que um outro mundo e formas de viver são possíveis.

Neste aspecto, a Arte, através do cinema, tem problematizado como se dá a relação entre bibliotecárias/os e gênero. Nesta pesquisa analisamos alguns filmes que trazem a tona essa aproximação e como pode ser discutido o gênero através da

Biblioteconomia. O cinema mostra como o sujeito bibliotecário ou o seu espaço de trabalho sofre e afeta as relações de gênero e amplia o espectro de visualização do sofrimento que as artimanhas de controle e poder sobre os corpos e a vida das pessoas acontecem quase veladamente, seja na rua ou na biblioteca. Fica claro que:

O gênero é a estrutura de relações sociais que se centra sobre a arena reprodutiva e o conjunto de práticas que trazem as distinções reprodutivas sobre os corpos para o seio dos processos sociais. De maneira informal, gênero diz respeito ao jeito com que as sociedades humanas lidam com os corpos humanos e sua continuidade e com as consequências desse “lidar” para nossas vidas pessoais e nosso destino coletivo. [...]. Essa definição produz importantes consequências. Entre elas: o gênero, como outras estruturas sociais, é multidimensional. Não diz respeito apenas à identidade, nem apenas ao trabalho, nem apenas ao poder, nem apenas à sexualidade, mas a tudo isso ao mesmo tempo. Padrões de gênero podem ser radicalmente diferentes entre contextos culturais distintos, e há certamente muita variedade entre maneiras de pensá-los, mas ainda é possível pensar (e agir) entre culturas em relação ao gênero. O poder das estruturas na formação da ação individual faz com que o gênero quase sempre pareça não se transformar (CONNELL; PEARSE, 2015, p. 48 - 49).

Neste aspecto entra a ação bibliotecária, a possibilidade de transformar através do seu trabalho as estruturas e padrões de gênero estabelecidos. De um lado a ação pode contribuir para o engessamento desses aspectos, por outro pode problematizar essas questões e elucidar saídas para a dinâmica de vivências humanas a partir dos estudos de gênero.

O uso da metodologia de análise fílmica permitiu a aproximação da Biblioteconomia e das perspectivas que os Estudos de Gênero têm sobre nossa profissão. Sob dois aspectos é possível analisar a ação bibliotecária como fortalecedora de preconceitos e por outro lado, redenção para novas possibilidades de se viver o gênero.

O objetivo é trazer esta problemática para o campo da Biblioteconomia, principalmente que agora está em evidência à censura e em todo o País, os acervos estão sendo alvo de cerceamentos por conta da classe política, como exemplo os dos planos do livro didático e da biblioteca na escola, culminando na eliminação das temáticas de gênero da pauta da Educação. Esse contexto impactará diretamente no trabalho de bibliotecárias e bibliotecários de todo o País e nas ações desenvolvidas pelas bibliotecas que visam a diminuição dos preconceitos de gênero, identidades e sexualidades.

2 Procedimentos Metodológicos

A partir da análise de quatro filmes exibidos em três festivais que aconteceram na cidade de Fortaleza nos anos de 2015 e 2016, traça-se uma percepção de como o trabalho do bibliotecário e o espaço da biblioteca são fortes candidatos a alvo dos discursos fundamentalistas e que buscam pregar uma ideologia dominante.

Esta percepção é necessária para combater uma ideia de neutralidade do trabalho do bibliotecário e do espaço da biblioteca. Discutir como as disputas de poder são efetivadas e as tramas de relações neste ambiente acontecem, são relevantes para a compreensão da complexidade de atuação de bibliotecárias/os.

A metodologia da análise fílmica e a pesquisa bibliográfica permitiram uma análise qualitativa dos dados, rompendo as limitações, sendo uma estratégia discursiva válida para a unificação da Biblioteconomia com os Estudos de Gênero.

O procedimento adotado consistiu na participação do bibliotecário na análise de filmes de temática sobre gênero e diversidade sexual em alguns festivais e o levantamento de informações sobre a abordagem de como o espaço da biblioteca e o trabalho do bibliotecário são retratados na imagem cinematográfica. A leitura interpretativa foi construída em associação com a pesquisa bibliográfica registrada em textos tanto da Biblioteconomia quanto da área de Gênero.

3 Resultados e Discussão

Na introdução foi discutida a percepção que alguns teóricos da Biblioteconomia tinham sobre aspectos como o gênero e como a profissão de bibliotecário lidava com isso. Sobre esta percepção, que existe um vazio no quesito inclusão das diferenças sexuais na biblioteca, o próprio acervo LGBTTT ou *queer* pode revelar uma crítica ao distanciamento no Brasil ou uma aproximação, como acontece em alguns países.

Filmes como *The Making of Monsters* de John Greyson (1991), que foi exibido no Festival *New Queer Cinema* em Fortaleza no ano de 2015, nos mostra um olhar diferenciado do espaço da biblioteca. O cenário de uma biblioteca numa cidade dos Estados Unidos, onde o bibliotecário é um homossexual, que desenvolve suas atividades em prol da comunidade e que sofre um ataque homofóbico de jovens delinquentes, tem o ápice de sua cinematografia na cena em que o mesmo é queimado vivo, em uma espécie de depósito de carros abandonados. A montanha de pneus que dá combustão para a chama do fogo é uma referência clara e explícita da correlação com as cenas de livros sendo queimados em praças públicas em vários períodos da história da humanidade, onde tudo que fosse considerado “conteúdo impróprio” deveria ser destruído. Religiões, governos ditatoriais e elites conservadoras, no intuito de manterem seus privilégios costumam usar desses artifícios e aplicam o instinto da piromanía sobre os acervos de bibliotecas, museus e arquivos. Afinal informação pode mudar muita coisa no mundo.

O bibliotecário como agente de mudança no filme citado, e que foi punido por suas atitudes de autoafirmação e transformador da realidade em que está inserido se contrapõe ao preconceito e transfobia praticados por supostos bibliotecários em outro filme. *Vera* de Sérgio Toledo (1986) é um filme brasileiro, que foi exibido no Festival *For Rainbow* em Fortaleza, também em 2015. Vera é um homem trans que não aceita sua condição biológica determinista e assume a identidade masculina adotando o nome Bauer.

Ao sair de um internato por ter completado a maioria, sem perspectivas, tanto por ser um ex-interno, como por sua condição de homem trans, recebe o apoio de um deputado que lhe oferece um emprego na Biblioteca do Centro de Pesquisas e Estudos Avançados. As cenas na Biblioteca traduzem a hostilidade e a transfobia dentro do ambiente profissional de Bauer/Vera: numa espécie de ilha de trabalho em frente aos computadores, uma suposta bibliotecária, com a “típica” característica de senhora com óculos, mais dois colegas de trabalho sendo um senhor de meia idade e uma mulher mais jovem, que parecem também serem bibliotecários, se “assustam” com a chegada de Bauer vestindo terno masculino. Bauer logo vai manusear os livros de uma mesa para outra, auxiliando nos serviços. A senhora “bibliotecária” se aproxima sorratamente de Bauer e começa o diálogo: “Você não pode vir trabalhar **vestida** deste jeito!!!”. Bauer, indaga: “Ué, tem algum problema com minha roupa?”, e continua: “Eu não estou **vestido** de acordo?”. E enfrenta encarando os olhares reprovadores de seus colegas: “Não é assim que se deve vestir um **respeitável funcionário desta ilustre Biblioteca?**”, e conclui alfinetando o colega masculino: “o senhor é que não está vestido de acordo, Seu Marcondes! Aonde é que está sua gravata?”.

O espaço da biblioteca como perpetuador dos padrões estabelecidos e de aparelho normatizador dos gêneros e de vigilância e encarceramento dos modelos aceitáveis são percebidos no decorrer da cena e das expressões e falas dispostas ao espectador. Os grifos em negrito foram colocados para ressaltar essa característica da prática bibliotecária brasileira, embora não possa ser generalizada. Não aceita as diferenças e não acolhe as minorias. Bauer/Vera foi demitido da Biblioteca logo após o episódio do uso da vestimenta “inadequada”, mostrando que o padrão da heteronormatividade predomina no ambiente citado. Bauer mesmo com roupas melhores do que seu colega, mas por ser um homem trans não foi aceito, pois os *respeitáveis* colegas e o *ilustre* ambiente não admitiram a quebra de padrões.

Outros filmes, também exibidos em festivais que aconteceram em Fortaleza, apontaram a biblioteca como o lócus de fuga, liberdade ou gueto para as minorias sexuais. O filme brasileiro *Vagabunda de meia tijela* (Direção de Otavio Chamorro) é um média-metragem que foi exibido no Festival Curta o Gênero, edição 2016. Mostra uma percepção completamente diferente do já citado *Vera*. A Biblioteconomia nacional seria revelada de maneira oposta, com o espaço da biblioteca e o trabalho da bibliotecária como fonte de apoio e acolhimento das minorias sexuais.

Neste filme o cenário de uma biblioteca escolar em Brasília foi eixo central no desenvolvimento da trama. O personagem Jonas João, homossexual afeminado, encontra na biblioteca escolar a possibilidade de resolver um problema pessoal. Criar uma poção do amor para seduzir o colega de sala por quem está apaixonado. A suposta bibliotecária, uma mulher negra, além de ser uma constante ouvinte e aconselhadora do jovem *gay*, também se torna uma quase protagonista, assim como o próprio cenário da biblioteca envolto na mística de lugar sagrado e de magia.

Na biblioteca da escola existe certo livro desaparecido e que havia causado inclusive uma morte num passado remoto. O livro repleto de ensinamentos sobre como fazer magias e porções, estava perdido ou foi intencionalmente escondido embaixo de uma estante, é encontrado pelo protagonista, ávido por descobrir e fazer a porção do amor de que tanto necessita.

Como uma comédia escrachada do universo jovem moderno e em paralelo com toques retrô de contos do passado, o clima que a análise fílmica demonstra é de cumplicidade entre o jovem homossexual e a bibliotecária, que o ajuda e orienta no cuidado para a manipulação das substâncias especiais. Além dessa perspectiva, amplia a imagem de uma bibliotecária que dialoga com o universo jovem, não está bitolada a regras restritivas do uso da biblioteca e se impõe como uma personagem também *queer*, quando ela mesma fere as normas e regras de conduta no espaço da biblioteca. Em duas cenas a bibliotecária se alimenta dentro da biblioteca. Uma leitura de que o modelo de bibliotecário é desestereotipado e não preso às normas.

O quarto filme analisado foi exibido em 2016 no *New Queer Cinema*. *Lola + Billidiki* é um filme alemão de 1999. Dirigido e escrito por Kutlug Ataman, o sensível drama mostra a busca de encontrar-se consigo mesmo do jovem Murat, de descendência turca e que mora na Berlim contemporânea. A descoberta da homossexualidade do protagonista é atormentada pela constante perseguição de seu irmão mais velho, Osman, preso às tradições e costumes de origem.

A incessante insistência em desvirginar o irmão nos “modelos tradicionais” demonstram desde o início do filme, a violência com que pessoas LGBTTTT estão sendo submetidas.

Numa das constantes investidas do irmão homofóbico, o personagem mártir, para se sair de uma situação indesejada, encontra uma saída, alegando que precisa ir para a Biblioteca. Ao ser questionado pelo irmão homofóbico, o irmão mais novo persiste, “tenho que ir na nova biblioteca”. A clara explicitação do ambiente da biblioteca como um “lugar de salvação”, ou o lugar de possibilidade de viver a homossexualidade no silêncio da intimidade da leitura e das possibilidades que oferecem ou então da busca de informações sobre a condição de ser diferente. Para além disso, os arquétipos de sigilo, labiríntico percurso pelas estantes, anonimato ou até mesmo de *point* de encontro ou de pegação, fazem, mesmo que não seja tão claro, que a biblioteca seja uma saída, um espaço de sociabilidade, ou mesmo um gueto. A biblioteca como espaço de socialização pode ser real ou apenas um imaginário:

[...] diz que estava na biblioteca – embora ele, Osman, não saiba o que isso seja. Murat encontra-se diante de uma encruzilhada. Não apenas em decorrência da sua homossexualidade, que é um claro tabu de intolerância entre os turcos mais ortodoxos, como Osman, mas também por já ser um sujeito híbrido que, além do seu passado turco, pisa, caminha, age e interage com os outros berlinenses que lhe são contemporâneos (GONÇALO, 2016, p. 59).

A Biblioteconomia assim perpassa e é atingida pela dinâmica de gênero no cinema. Os usos e impressões pessoais ou coletivas são demonstrados na análise fílmica. Seja na perspectiva denotativa ou conotativa, nossa profissão e fazer científico não pode estar alheio às lacunas sociais, psicológicas e humanas que existem quanto à relação entre bibliotecas/bibliotecárias(os) e gêneros/sexualidades.

Nota-se que é uma responsabilidade do bibliotecário a ética no respeito às diferenças e a não censura aos grupos já socialmente excluídos e discriminados. Mas, para os estudos de gênero são ampliados os limites de análise do campo de domínio, proposto pela organização e representação do conhecimento. No campo social e nos estudos culturais, o limite da neutralidade pode ser interpretado como uma “camisa de força”, pois os discursos das comunidades e minorias são os elementos simbólicos de representação que os legitimam e os diferenciam entre os grupos sociais.

4 Considerações Parciais

Preconceitos raciais, sociais, diferenças entre níveis culturais, informacionais e econômicos devem ser pautas a serem trabalhadas por bibliotecários/as e os acervos devem contemplar estas questões que ainda, em pleno século XXI, dificultam a vida humana.

Vemos além do cinema, trabalho de bibliotecárias e bibliotecários que atentam para a necessidade de aprender a lidar com a pluralidade humana e o respeito à diversidade. Independente das crenças que o profissional leva consigo. O respeito é nítido quando exemplos como o do bibliotecário Marcos Soares da Universidade Federal de Pernambuco, resolve dar voz ao corpo abjeto como protagonista e narrador de uma trajetória, seja na ficção ou não, isso já é importante para a Biblioteconomia.

Na maioria das bibliotecas a cultura do público LGBTTT não está disponível como também bibliotecários não sabem como tratar questões relativas a esta temática. É preciso estudos e pesquisas por parte dos bibliotecários brasileiros sobre as discussões de gênero. Neste contexto, todas as minorias e sexualidades “desviantes” dos padrões estabelecidos socialmente, criam mecanismos de legitimidade, muitas vezes exclusivos, gerando códigos, termos e linguagens não presentes nas terminologias científicas, mas vivas na memória coletiva desses grupos.

Referências

- CASTRO, César Augusto. **História da Biblioteconomia brasileira**. Brasília: Thesaurus, 2000. 287 p.
- CONNELL, Raewyn; PEARSE, Rebecca. **Gênero**: uma perspectiva global. São Paulo: nVersus, 2015. 335 p.
- CURTA o Gênero. Guia de programação. Fortaleza: Fábrica de Imagens, 2016. 66 p.
- FESTIVAL de Cinema e Cultura da Diversidade Sexual. 9º *For Rainbow*. [Fortaleza]: Cenapop Cultura e Eco-cidadania, 2015. [Folder explicativo].
- FONSECA, Edson Nery da. **Introdução à Biblioteconomia**. 2. ed. Brasília: Briquet de Lemos Livros, 2007. 152 p.
- FONSECA, Edson Nery da. **Introdução à Biblioteconomia**. 2. ed. Brasília: Briquet de Lemos Livros, 2007. 152 p.
- GONÇALO, Pablo. Uma encruzilhada íntima e geracional. In: MURARI, Lucas; NAGIME, Mateus. (Orgs.) **New Queer Cinema**: segunda onda. [Juiz de Fora, MG]: Luzes da Cidade; Caixa Cultural, 2016. p. 58 – 62.
- PINHO, Fabio Assis. **Aspectos éticos em representação do conhecimento em temáticas relativas à homossexualidade masculina: uma análise da precisão em linguagens de indexação brasileiras**. 2010. 149 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação)- Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília – SP, 2010.
- SOARES, Marcos. **O diário de Marjorie**: memórias de uma travesti. Rio de Janeiro: Metanoia, 2014. 98 p.

Dados dos autores

Gláucio Barreto de Lima

Mestrando em Biblioteconomia, pela Universidade Federal do Cariri (UFCA). Bacharel em Biblioteconomia pela Universidade Federal do Ceará (UFC); Especialista em Pesquisa Científica pela Universidade Estadual do Ceará (UECE); Licenciado em Filosofia pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). Bibliotecário/Documentalista do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE). Desenvolve pesquisas na área de informação, principalmente nos seguintes temas: Informação e Sociedade, Informação Ambiental, Educação, Informação e Gênero, Informação Queer, Filosofia e Infoexclusão.

glacioufc@yahoo.com.br

Link para o lattes: <http://lattes.cnpq.br/5709814144599127>



Centro de Ciências Sociais Aplicadas
Curso de Biblioteconomia

Este periódico é uma publicação do Curso de Biblioteconomia da [Universidade Federal do Cariri](http://www.ufca.edu.br) em formato digital e periodicidade semestral.